



# **Aceleração da/na academia: o viés temporal no produzir e pensar ciência<sup>1</sup>**

## **Acceleration of/in academia: the temporal bias in producing and thinking about science**

Rodrigo Miranda Barbosa<sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo apresenta o processo de aceleração social fundamentado em Hartmut Rosa e como este processo tem implicações no fazer e pensar ciência nas universidades. Para tal, fazemos uma revisão dessas implicações com base em dimensões como a) produção científica; b) trabalho de professores/pesquisadores; c) social; d) institucional. O artigo conclui que estas dimensões geralmente são discutidas a partir da perspectiva preferencialmente sociológica e psicológica e com viés mais prático do que epistemológico. Diante desta conclusão, o artigo busca apresentar caminhos para uma pesquisa sobre as relações da aceleração social e o pensar científico de implicações epistemológicas e alicerçada em uma perspectiva disciplinar comunicacional.

**Palavras-Chave:** Aceleração social. Epistemologia da comunicação, Temporalidades da pesquisa científica

**Abstract:** This paper presents the process of social acceleration based on Hartmut Rosa and how this process has implications for the practice and thinking of science in universities. To this end, we conduct a review of these implications based on dimensions such as a) scientific production; b) the work of professors/researchers; c) social; d) institutional. The paper concludes that these dimensions are generally discussed from a sociological and psychological perspective and with a more practical than epistemological view. Given this conclusion, the paper seeks to present paths for research on the relationships between social influence and scientific thought with epistemological implications and based on a disciplinary communicational perspective..

**Keywords:** Social acceleration. Epistemology of communication, Temporalities of scientific research

## **1. Introdução**

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação. 34º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba - PR. 10 a 13 de junho de 2024.

<sup>2</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação Comunicação e Inovação Social da Universidade Federal de Pernambuco e do curso de Comunicação Social do Núcleo de Design e Comunicação do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: rodrigo.mbarbosa@ufpe.br

Todos dizem que estão exaustos, que estão sem tempo para realizar a quantidade de atividades que precisam no dia a dia. Na busca por soluções e amparo, essa pressão aceleratória também pode ser percebida na quantidade de livros disponíveis no nosso mercado editorial que oferece análises e principalmente receitas para estabelecer um equilíbrio capaz de dar conta das atividades do dia a dia, aumentar a produtividade e ainda assim manter a saúde do corpo e da mente<sup>3</sup>.

Um dos movimentos de clamor pela desaceleração de alcance internacional teve início em 1986 pelo jornalista italiano Carlo Petrini e ficou conhecido como *Slow Food*. O movimento surgiu da necessidade de chamar atenção para a forma rápida como nos alimentamos, oferecendo como solução uma apreciação lenta dos alimentos assim como uma tomada de consciência sobre as formas de produção e consumo, optando então por alimentos produzidos de forma orgânica e equilibrada, e em conjunto com a preservação do meio ambiente. Ou seja, uma tentativa de redução da velocidade e ritmo da vida moderna que eram vistos como tendo reflexo na maneira como nos alimentamos.

Tal movimento inspirou sua extração para outros setores da vida e um aumento das produções editoriais sobre a temática da desaceleração. Essas produções demonstram uma recorrente ideia de que estamos diante de uma pressão aceleratória que nos leva a um processo de exaustão física e mental em sociedades que vivenciam um capitalismo tardio, pós-capitalismo, dentre outras nomenclaturas.

Esse diagnóstico aparece em trabalhos recentes de autores importantes como em *A Sociedade do Cansaço* (2015) de Byung-Chul Han; *A Geração Ansiosa* (2024) de Jonathan Haidt; *24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono* (2016) de Jonathan Crary, *Foco Roubado: Os ladrões de atenção da vida moderna* (2023) de Johann Hari, para citar apenas alguns.

Dentre os que se destacam na pesquisa desta temática está Hartmut Rosa (2019), que caracteriza o contexto atual como um problema relacionado ao tempo, destacando um aprofundamento do processo de aceleração social. Para Rosa, o tempo é o elemento fundamental para compreender a sociedade contemporânea, pois é o que confere sentido à experiência histórica que vivemos. Rosa (2019) divide sua explicação do processo de

---

<sup>3</sup> Em uma busca rápida no site de e-commerce Amazon encontramos rapidamente mais de 20 livros com as temáticas de desacelerar, slow, sem pressa, diminuir o ritmo entre outros em uma pesquisa realizada no dia 10 de jan de 2025.

aceleração em três categorias: a aceleração da mudança social, a aceleração tecnológica e a aceleração dos ritmos de vida.

A aceleração tecnológica, por exemplo, promete liberar mais tempo livre ao reduzir o tempo necessário para realizar certas tarefas. No entanto, o que se observa é um aumento do número de atividades por unidade de tempo que excede a taxa de tempo livre proporcionada pela aceleração tecnológica.

Assim, uma sociedade em processo de aceleração se desenvolve quando a aceleração tecnológica e a falta de tempo ocorrem simultaneamente. Isso implica que uma sociedade em aceleração não se forma isoladamente pelo desenvolvimento de novas tecnologias que permitem a realização de atividades em menos tempo. E nem que esse processo aceleratório afeta todos da mesma forma. Como apontado por Wajcman (2008, 2014), o contexto de aceleração social afeta de modos diferentes homens e mulheres, negros e brancos, jovens e idosos, ricos e pobres. Alguns grupos, ao contrário do senso comum, chegaram a ganhar mais tempo, ou seja, desaceleraram ao invés de sentirem cada vez mais a pressão dos processos aceleratórios.

Então, os mais distintos setores da sociedade são afetados de maneiras desiguais pelo processo de aceleração social. Dentre as instituições da sociedade que são afetadas estão a ciência e as universidades. Isso significa dizer que o processo de aceleração também afeta o fazer ciência nos seus aspectos institucionais, mas também epistemológicos.

A exploração do processo de aceleração social descrito por Hartmut Rosa apresenta implicações profundas para a ciência, o pensamento científico e as universidades. Na ciência, a aceleração técnica e a pressão por resultados rápidos alteram a dinâmica da pesquisa. A pesquisa científica é compreendida como um trabalho que opera em um regime de tempo lento para realizar suas análises de forma profunda. No âmbito do pensamento científico, a aceleração dos ritmos de vida e das mudanças sociais afeta a maneira como os cientistas e acadêmicos processam informações e desenvolvem teorias. Isso significa que as condições temporais na prática científica afetam tanto o processo de criação do conhecimento quanto os próprios resultados obtidos.

Na literatura, os efeitos desse processo de aceleração na academia são discutidos principalmente a partir de uma perspectiva institucional. Sob essa perspectiva institucional e de caráter quase de manifesto temos, dentre muitos exemplos, o livro *The Slow Professor: Challenging the Culture of Speed in the Academy* (2016) de Maggie Berg e Barbara K. Seeber,

que advogam por uma desaceleração da academia. No entanto, sobre as relações entre o processo de aceleração e os efeitos epistemológicos do fazer ciência, há um número bem mais reduzido de trabalhos.

Dentre eles destacamos o de Libor Benda em *Inevitability, contingency, and the epistemic significance of time* (2021). Benda examina vários estudos que abordam como o tempo influencia a prática científica, destacando que a maioria deles utiliza a dicotomia entre rápido e devagar, assim como diversas terminologias semelhantes. Estes estudos geralmente indicam que a aceleração tem efeitos indesejáveis para a ciência.

Podemos citar, como exemplo de efeitos indesejados a busca incessante por eficiência e produtividade que impõe uma cultura de trabalho intensa tanto para professores quanto para estudantes. A aceleração das mudanças sociais estabelece que as instituições de ensino superior devem se adaptar rapidamente a novas demandas educacionais e tecnológicas, muitas vezes sem o tempo necessário para uma implementação cuidadosa e eficaz. Além disso, a competição por financiamento e prestígio acadêmico intensifica a pressão sobre os acadêmicos para produzir e publicar continuamente, afetando o equilíbrio entre ensino, pesquisa e a própria vida pessoal dos envolvidos.

Os efeitos da aceleração social na ciência, são compreendidos, na sua grande maioria, como indesejáveis (ainda que certos autores possam oferecer uma visão mais ambivalente como Vostal (2014; 2015). Principalmente em decorrência de que os processos de aceleração social afetam o objetivo principal da ciência que seria produzir um “conhecimento confiável e contribuir para o progresso científico”, de onde decorreria a sua contribuição social:

essa é a percepção sempre presente de um conflito genuíno entre as mudanças forçadas externamente na estrutura do tempo acadêmico, por um lado, e o objetivo fundamental da academia de produzir conhecimento confiável e contribuir para o progresso científico (e, portanto, social), por outro (Benda, 2021, p. 5, tradução nossa).<sup>4</sup>

Apesar das conclusões limitadas, o referido texto<sup>5</sup> chama a atenção para o problema da dicotomia entre rápido e devagar e apresenta a possibilidade de uma alternativa contingencialista no fazer ciência.

<sup>4</sup> that is the ever-present perception of a genuine conflict between the externally forced changes within the structure of academic time on the one hand and academia's fundamental goal of producing reliable knowledge and contributing to scientific (and thus social) progress on the other (Benda, 2021, p. 5).

<sup>5</sup> Apesar da análise da situação da dicotomia entre rápido e devagar, Benda pouco propõe a partir das suas conclusões, no máximo que as temporalidades interferem no processo do fazer ciência.

O mais importante está em apontar que o processo de pressão temporal nas instâncias institucionais também tem impacto epistemológico, pois pode direcionar as pesquisas e as conclusões diante das restrições institucionais, prazos de entrega, riscos da experimentação científica, pressão por publicações, entre outros; afastando o(a) pesquisador(a) de outros processos. Isso significa que a temporalidade na prática científica influencia tanto o processo de criação do conhecimento quanto os próprios resultados obtidos.

Esse tipo de abordagem é que nos interessa neste artigo. Problematizar de que modos os processos aceleratórios afetam o pensar científico no seu aspecto epistemológico. Para isso, discutiremos o conceito de aceleração social conforme elaborado por Hartmut Rosa; em seguida partimos para uma revisão bibliográfica sobre as consequências do processo de aceleração social nas universidades tanto no fazer quanto no pensar ciência; e por último lançamos a hipótese de que maneira os meios de comunicação permeiam as relações entre a aceleração social e o pensamento científico a partir de uma perspectiva epistemológica.

## 2. Aceleração Social

Hartmut Rosa, introduz o conceito de aceleração social, como fundamental para compreender a dinâmica da sociedade moderna. Rosa identifica três categorias principais de aceleração social: a) a aceleração técnica; b) a aceleração das mudanças sociais; c) a aceleração do ritmo de vida. Essas categorias estão interligadas e explicam como o tempo e a velocidade moldam as experiências e estruturas sociais. A seguir, vamos examinar cada uma dessas categorias em detalhe:

A aceleração técnica diz respeito ao aumento da velocidade das tecnologias e dos processos produtivos. Esta categoria abrange o rápido avanço das inovações tecnológicas que permitem a realização de tarefas de maneira mais rápida e eficiente. Por exemplo, a evolução dos meios de transporte e comunicação possibilita que viagens e trocas de informações ocorram em uma fração do tempo anteriormente necessário, ou seja, é possível realizar mais atividades por unidade de tempo. A aceleração técnica, portanto, não só reduz o tempo necessário para realizar atividades específicas, mas também impulsiona a capacidade produtiva e a eficiência, impactando diretamente a economia e o cotidiano das pessoas.

A aceleração das mudanças sociais refere-se à rapidez com que transformações sociais ocorrem. Esta categoria inclui mudanças nas normas, valores, instituições e estruturas sociais. Historicamente, as sociedades passavam por mudanças de maneira gradual e lenta, mas, na modernidade, essas transformações acontecem em um ritmo muito mais rápido. Por exemplo, o surgimento de novos padrões familiares, mudanças nas políticas públicas e a evolução das práticas culturais ocorrem com uma velocidade sem precedentes. O que aprendemos já não temos mais certeza que irá nos servir no futuro, pois as mudanças ocorrem em uma escala intrageracional.

Essa aceleração é impulsionada pela globalização, pelo avanço da comunicação e pelo intercâmbio cultural, que facilitam a disseminação rápida de novas ideias e práticas. Com isso, as mudanças sociais aceleradas podem gerar um sentimento de instabilidade e desorientação, pois as pessoas precisam constantemente se adaptar a novas realidades. Em última instância, para ficar parado é necessário acelerar.

A aceleração do ritmo de vida tem relação com a percepção subjetiva de que o tempo está passando mais rápido e que há uma pressão constante para fazer mais em menos tempo. Esta categoria está intimamente ligada ao estilo de vida moderno, no qual as pessoas enfrentam agendas cada vez mais lotadas e uma demanda constante por produtividade e eficiência. A sensação de urgência e a pressão para aproveitar cada momento contribui para o aumento do estresse e da ansiedade, ou seja, a demanda é também nossa de querer aproveitar o tempo com a maior quantidade de atividades.

Sendo assim, o ritmo acelerado de vida também afeta as relações interpessoais e o bem-estar individual. A necessidade de multitarefa e a falta de tempo para atividades de lazer e reflexão pessoal são características marcantes dessa aceleração. Além disso, o ritmo de vida acelerado pode levar a um ciclo vicioso em que a busca por eficiência resulta em mais pressa e menos tempo disponível.

As três categorias de aceleração social definidas por Rosa (2019) são interdependentes. A aceleração técnica pode impulsionar as mudanças sociais, que, por sua vez, intensificam o ritmo de vida. Por exemplo, o advento das redes sociais (aceleração técnica) altera as dinâmicas sociais (mudanças sociais), o que pode resultar em uma sensação de necessidade constante de atualização e resposta imediata (ritmo de vida).

A aceleração social proposta por Hartmut Rosa é um conceito abrangente que captura a essência das mudanças rápidas que caracterizam a modernidade. As três categorias –

aceleração técnica, aceleração das mudanças sociais e aceleração do ritmo de vida – fornecem um quadro analítico para entender como a velocidade se tornou uma força motriz nas sociedades contemporâneas. Ao reconhecer e estudar essas categorias, podemos obter insights valiosos sobre os desafios e implicações da vida moderna, incluindo questões de bem-estar, sustentabilidade e coesão social. Dentre estas implicações estão as consequências no fazer e pensar ciência.

### **3. A aceleração social, a universidade e o fazer ciência**

As universidades, como centros de ensino e pesquisa, em conjunto com os professores(as), também são profundamente afetadas pela aceleração social. No livro *Slow Professor* (2016), Maggie Berg e Barbara K. Seeber defendem, inclusive com um manifesto, uma forma lenta de pensar e agir na pesquisa, docência, aprendizagem e produção do conhecimento científico (Prazeres, 2017). O processo de aceleração pode ser percebido no universo da academia pela pressão por produtividade, competição e por mais eficiência, transformando a universidade em “espaços mercadológicos de educação”.

Benda (2021), para descrever esse processo de colonização da academia pela ideologia da gestão corporativa e aceleração, identifica inúmeras nomenclaturas como “*silent revolution*” (revolução silenciosa), “*academic capitalism*” (capitalismo acadêmico), “*audit culture*” (cultura de auditoria), “*McDonaldized*” (McDonaldizado). E a resistência a esse processo também ganhou diferentes nomenclaturas como “*unhastening*” (desaceleração) ou “*slowing down*” (diminuindo a velocidade - desacelerando) (como por exemplo Garwood, 2012; Levy, 2007; Lutz, 2012).

Isso coloca em choque dois tipos de cultura. Uma cultura lenta e uma cultura acelerada, sendo a lenta ligada ao tempo da academia de um lado e o tempo do capitalismo e da lógica das corporações em outro lado do espectro.

Para compreender como a universidade se relaciona com o processo de aceleração social, é preciso fazer uma revisão bibliográfica para discutir em que dimensões podemos perceber essas transformações. Situamos aqui algumas dimensões que precisam ser exploradas: 1) produção científica; 2) trabalho de professores/pesquisadores; 3) social; 4) institucional.

#### **3.1 Produção Científica**

Em termos da produção científica situamos três aspectos: a) Velocidade e Pressão por Produtividade; b) Fragmentação da produção; c) Impacto na originalidade.

a) Velocidade e Pressão por Produtividade:

Quando pesquisadores(as) discutem sobre a produção científica sendo afetada pela aceleração, apontam que há uma pressão maior para publicar e produzir mais e numa velocidade maior e isso tem consequências.

O elemento da produtividade, eficiência e competição são baseadas na noção de tempo, como apontam Maggie Berg e Barbara K. Seeber em “Os valores de produtividade, eficiência e competição têm o tempo como fator comum.” (2016, p. 8,)<sup>6</sup>. E essa pressão, a partir do aspecto do tempo, por produtividade compromete a qualidade da pesquisa.

Ruth Müller, em seu artigo *A Culture of Speed: Anticipation, Acceleration and Individualization in Academic Science* (2014), aborda como a “cultura da velocidade” tornou-se central nas práticas acadêmicas. Ela argumenta que os sistemas de avaliação, como *ranking* de publicações e métricas de impacto, impulsionam os pesquisadores a priorizarem quantidade em detrimento de qualidade.

Se os pesquisadores precisarem passar por um número crescente de pontos de verificação nos quais são avaliados com base em sua produtividade por unidade de tempo, os pesquisadores desenvolverão hábitos que lhes permitam acomodar essas demandas. Extrapolando da minha pesquisa, isso pode significar uma redução da complexidade dos problemas de pesquisa abordados e um foco em atender aos critérios delineados de desempenho em vez de originalidade (Müller, 2014, tradução nossa).<sup>7</sup>

Professores e professoras são avaliados então principalmente por métricas quantificáveis, em especial de publicações. Essa cultura baseada na velocidade acaba colocando, segundo Müller, a qualidade do conhecimento em segundo plano. Para ela, as dinâmicas de tempo nos laboratórios, na pesquisa e a pressão por entregas contínuas,

<sup>6</sup> “The values of productivity, efficiency, and competition have time as the common factor.” (2016, p. 8).

<sup>7</sup> If researchers need to pass an increasing number of check-points at which they are assessed based on their productivity per time unit, researchers will develop habits that allow them to accommodate these demands. Extrapolating from my research, this might mean a reduction of the complexity of research problems addressed and a focus on meeting the outlined criteria of performance rather than on originality (Müller, 2014).

reconfiguram as prioridades dos cientistas, ou seja, afetando diretamente o que é pesquisado e publicado.

Filip Vostal (2016) acrescenta ainda uma dimensão temporal no tipo de produção que é feita. A lógica da aceleração transformou a academia num espaço no qual práticas que exigem muito tempo, como o pensamento profundo e a inovação teórica, são desvalorizadas. É o que diz Thomas Docerty (2013 *apud* Vostal, 2016, p. 2, tradução nossa)<sup>8</sup> quando afirma que a racionalidade está sendo esmagada: “a necessidade de velocidade [na academia] mata a aprendizagem e esmaga a razão”.. No seu livro *For the University* (2011), afirma que os acadêmicos “vivem agora numa cultura que não tem tempo para experiência ou conhecimento profissional... [eles] vivem numa espécie de encurtamento do próprio tempo... [e como resultado] não dão tempo para aprender, ensinar ou pensar” (2011, p. 144, tradução nossa).<sup>9</sup>.

Sendo assim, a pressão por produtividade desvia os pesquisadores de seu compromisso com a reflexão crítica, fazendo com que a própria ideia do pensamento profundo e a inovação teórica sejam desvalorizadas.

b) Fragmentação da produção:

Outro aspecto importante apontado pela bibliografia especializada é a possível fragmentação da produção científica em um cenário de aceleração social. A urgência de publicar rapidamente e a constante demanda por novas descobertas podem levar à superficialidade e à fragmentação do conhecimento. A pressão por resultados imediatos instiga a fomentação de práticas como a “publicação salame”, como indica Dick Pels em *Unhastening Science: Autonomy and Reflexivity in the Social Theory of Knowledge* (2003), que faz referência a pesquisas divididas em várias partes menores para gerar mais publicações, diluindo a qualidade e o impacto do trabalho científico.

A necessidade de produzir resultados em um ritmo acelerado pode, assim, comprometer a profundidade e a qualidade das investigações, pois os pesquisadores são incentivados a focar em projetos que gerem resultados imediatos (inclusive por pressão de financiadores). Vostal (2016) também concorda com essa consequência ao argumentar que a aceleração científica

<sup>8</sup> “need for speed [in academia] kills learning and crushes the reason” (2013 *apud* Vostal, 2016, p. 2)

<sup>9</sup> “now live in a culture that has no time for professional experience or knowledge ... [they] live in a kind of foreshortening of time itself ... [and as a result] give no time for learning or teaching or thinking” (2011, p. 144).

frequentemente resulta em trabalhos publicados sem a devida validação ou replicação. Ele observa um aumento da demanda por pesquisas rápidas e de curto prazo, como um resultado da introdução de métricas globais, como, por exemplo, o índice de impacto, reverberando negativamente no desenvolvimento de projetos de longo prazo. “A demanda por resultados rápidos prejudica a robustez do trabalho acadêmico, pois os pesquisadores são frequentemente forçados a cortar custos para cumprir prazos e metas de desempenho.” (p. 89, tradução nossa)<sup>10</sup>.

A procura por resultados rápidos prejudica a solidez do trabalho acadêmico, uma vez que os pesquisadores são muitas vezes forçados a cortar custos para cumprir prazos e metas de desempenho e ao cortar caminhos a pesquisa científica também pode perder a sua originalidade.

c) Impacto na originalidade:

Quanto ao aspecto da originalidade, podemos perceber que a pressão de aceleração pode desestimular estudos de longo prazo e experimentações, pois elas exigem tempo, minando a capacidade de explorar questões científicas complexas com a devida minúcia. É por exemplo, o que argumenta Oili-Helena Ylijoki, em *Projectification and Conflicting Temporalities in Academic Knowledge Production* (2016), em que a “projetificação” das pesquisas, impulsionada por financiamentos competitivos, contribui para um ambiente no qual a pressa em produzir resultados compromete a qualidade e originalidade científica. “O tempo do projeto é um tempo agitado e rápido que prossegue em direção a objetivos pré definidos da maneira mais eficiente possível” (Ylijoki, 2016, p. 18, tradução nossa)<sup>11</sup>. Assim, as restrições temporais impostas pelo financiamento baseado em projetos exacerbam a cultura da velocidade, muitas vezes em detrimento da inovação científica.

O foco pode ficar restrito a áreas de pesquisa que têm mais apelo social e midiático, por exemplo, marginalizando áreas de estudo que demandam investigações de longo prazo. A projetificação do trabalho acadêmico prioriza áreas de pesquisa com resultados imediatos,

<sup>10</sup> . “The demand for fast outputs undermines the robustness of academic work, as researchers are often forced to cut corners in order to meet deadlines and performance targets.” (Vostal, 2016, p. 89).

<sup>11</sup> . “Project time is hectic, fast time which proceeds to predefined goals in the maximally efficient way.” (Ylijoki, 2016, p. 18)

levando à negligência de campos menos comercializáveis, mas igualmente importantes. As pesquisas passam a ser incrementais em detrimento de pesquisas inovadoras e de risco.

### 3.2. Trabalho de professores/pesquisadores

Quando discutimos esta dimensão, podemos perceber na bibliografia que a sobrecarga de trabalho emerge como uma das manifestações mais claras da aceleração acadêmica, refletindo-se em jornadas extensas, multitarefas e pressões associadas à produtividade. Trata-se de uma dimensão do trabalho acadêmico, mas que também pode ter implicações epistemológicas. No aspecto do trabalho acadêmico, temos aspectos importantes como: a) sobrecarga de trabalho; b) Precarização e competitividade; c) impacto na saúde mental; d) redefinição do papel do pesquisador;

a) Sobrevida de trabalho: Vostal (2014) descreve a intensificação do trabalho acadêmico como uma consequência direta da aceleração social e das demandas institucionais, que acabam por exigir um ritmo de trabalho cada vez maior, obrigando os acadêmicos a fazerem malabarismos diante de uma multiplicidade de papéis e responsabilidades, muitas vezes em detrimento da profundidade e da inovação. “Os acadêmicos sentem cada vez mais esses mecanismos em suas vidas diárias e uma das ramificações mais importantes dessas pressões é a deterioração da capacidade de autodeterminar o tempo subjetivo” (2014, p. 4, tradução nossa)<sup>12</sup>.

Yvonne Hartman e Sandy Darab, em *A Call for Slow Scholarship: A Case Study on the Intensification of Academic Life and Its Implications for Pedagogy* (2012), destacam que não se espera apenas que os acadêmicos se destaquem em pesquisa e ensino, mas também que assumam uma quantidade cada vez maior de tarefas administrativas, o que aumenta as cargas de trabalho a níveis insustentáveis.

Mas a compressão do período de ensino significa que acadêmicos com uma carga de ensino pesada não conseguem dar a devida atenção à pesquisa por dois terços do ano sem uma intensificação significativa do trabalho. Para a equipe geral, o calendário significa que os processos que antes da mudança eram realizados duas vezes por ano (por exemplo, procedimentos de matrícula) agora devem ser realizados três vezes por ano, indicando um

<sup>12</sup> “Academics increasingly feel these mechanisms in their daily lives and one of the most important ramifications of those pressures is the deteriorating capability to self-determine subjective time.” (2014, p. 4)

aumento significativo nas cargas de trabalho (Hartman; Darab, 2012, p. 54, tradução nossa)<sup>13</sup>.

Campos *et al.* (2020) identificam diversos fatores que contribuem para a sobrecarga do trabalho docente no Brasil, por exemplo, incluindo a precarização das condições de trabalho, o aumento da carga horária, a flexibilização dos vínculos empregatícios, a redução do financiamento, o excesso de monitoramento institucional e a deterioração da infraestrutura. A falta de servidores Técnicos Administrativos em Educação (Taes) nas universidades federais brasileiras, por exemplo, pode ser entendida também como uma das causas dessa transferência das atividades administrativas para docentes, impactando diretamente na sobrecarga de trabalho. Tal quadro vem gerando impactos negativos não apenas na rotina de trabalho, mas também na saúde mental dos docentes.

b) Precarização e competitividade: Ruth Müller (2014), discute como a dependência de financiamentos externos cria uma instabilidade para pesquisadores, especialmente os jovens, que frequentemente precisam submeter-se a ciclos incessantes de aplicação para bolsas e projetos.

c) Impacto na saúde mental: Heather Menzies e Janice Newson, em *No Time to Think: Academics' Life in the Globally Wired University* (2007), destacam o impacto da pressão por produtividade na saúde mental dos acadêmicos. Elas identificam uma correlação direta entre a aceleração do trabalho acadêmico e níveis crescentes de estresse e ansiedade. “Quarenta e cinco por cento relataram sentir-se ansiosos por terem de dar resposta às exigências e expectativas do trabalho com frequência, e outros 12 por cento relataram sentir-se assim cronicamente” (2007, p. 88, tradução nossa)<sup>14</sup>.

A intensificação do trabalho acadêmico é tida como uma causa significativa de *burnout* entre professores e pesquisadores que estão sob pressão. Estes sentem falta de tempo para o descanso, reflexão e pensamento crítico. É o que aponta Yvonne Hartman e Sandy Darab, quando afirmam que a cultura da velocidade na academia prioriza a produção em detrimento

<sup>13</sup> But the compression of the teaching period does mean that academics with a heavy teaching load are unable to pay due attention to research for two thirds of the year without significant work intensification. For general staff, the calendar means that processes that prior to the change were undertaken twice a year (e.g., enrollment procedures) must now be performed thrice in a year, indicating a significant increase in workloads. (Hartman; Darab, 2012, p. 54).

<sup>14</sup> “Forty-five per cent reported feeling anxious about keeping up with work demands and expectations frequently, and another 12 per cent reported feeling this way chronically” (2007, p. 88)

do bem-estar, criando um ambiente no qual o esgotamento é visto como um custo inevitável do sucesso. (Hartman; Darab, 2012, p. 56). Rosalind Gill (2009) aponta que se trata de uma situação endêmica na academia. “A intensificação punitiva do trabalho tornou-se uma característica endêmica da vida académica” (p. ??, tradução nossa)<sup>15</sup>. Isso sem citar a cultura do “estar ocupado” como signo do sucesso.

d) Redefinição do papel do pesquisador: Sheila Slaughter e Larry Leslie, em *Academic Capitalism* (1997), percebem um enfoque em atividades relacionadas à captação de recursos e gestão de projetos, considerando que o papel do pesquisador tem sido redirecionado cada vez mais para atividades ligadas à captação de recursos e administrativas, muitas vezes em detrimento do tempo para pesquisa e ensino. A universidade neoliberal prioriza a obtenção de bolsas e a gestão de projetos em detrimento das atividades acadêmicas tradicionais, remodelando a identidade do pesquisador. (Slaughter; Leslie, 1997, p. 75). “A universidade empreendedora é caracterizada por uma forte ênfase na obtenção de financiamento externo, o que levou os acadêmicos a assumirem papéis e responsabilidades gerenciais juntamente com suas atividades tradicionais de ensino e pesquisa” (Etzkowitz, 2003, p. 87, tradução nossa)<sup>16</sup>.

Ou seja, trata-se de um elemento a mais naquilo que já descrevemos como um processo de preferência por projetos de curto prazo e de alto impacto imediato.

### 3.3. Social

Destaca-se, nesta dimensão, a relação com a sociedade e sua busca por soluções imediatas. Michael A. Peters, em *The University in the Epoch of Digital Reason* (2014), destaca que a universidade contemporânea enfrenta pressão crescente para produzir soluções rápidas e aplicáveis para desafios sociais e econômicos. “O jogo mudou permanentemente. Agora, as universidades são 'motores de inovação' para o 'capitalismo rápido' lidando com 'conhecimento rápido', 'publicação rápida' e 'ensino rápido'[...] [as universidades] operam como parte da cultura financeira global” (2015, p. 39, tradução nossa)<sup>17</sup>.

<sup>15</sup> “The punishing intensification of work has become an endemic feature of academic life.” (Gill, 2009).

<sup>16</sup> “The entrepreneurial university is characterized by a strong emphasis on securing external funding, which has led to academics taking on managerial roles and responsibilities alongside their traditional pursuits of teaching and research.” (Etzkowitz, 2003, p. 87)

<sup>17</sup> “The game has changed permanently. Now universities are 'engines of innovation' for 'fast capitalism' dealing in 'fast knowledge,' 'fast publishing' and 'fast teaching'[...][universities] operate as a part of global finance culture.” (2015, p. 39).

Isso está diretamente relacionado ao que ficou conhecido como a universidade neoliberal ou capitalismo acadêmico e que está ligada à dimensão institucional das universidades.

A teoria da dependência de recursos sugere que o corpo docente recorrerá ao capitalismo acadêmico para manter recursos de pesquisa e maximizar o prestígio. Em outras palavras, se o corpo docente recebesse mais recursos para ensinar mais alunos, não está claro que eles competiriam por esses recursos com o mesmo zelo com que competem por dólares de pesquisa externa direcionados para prioridades governamentais ou empreendimentos comerciais (Slaughter; Leslie, 1997, p.153, tradução nossa)<sup>18</sup>.

Sheila Slaughter e Larry Leslie (1997) explicam que a lógica capitalista da academia força as universidades a justificar seus custos por meio de resultados mensuráveis e economicamente viáveis.

### 3.4. Institucional

A dimensão institucional também é afetada pelos processos de aceleração social. Destacam-se aspectos como: a) burocratização e tecnocracia; b) formas de financiamento; c) universidade neoliberal; d) erosão do *ethos* acadêmico

a) Burocratização e tecnocracia: Vostal (2016) destaca que a pressão por métricas e *rankings* fomenta uma cultura de conformidade tecnocrática, no qual a criatividade e a inovação são frequentemente sacrificadas pela necessidade de atender a padrões predeterminados. “As tecnologias de auditoria impõem um ‘congestionamento’ proibitivo [...] especialmente ao retirar, ou pelo menos comprometer/limitar, a energia, o zelo, a tenacidade – e acima de tudo o tempo – para o pensamento livre associado às sensibilidades intelectuais inventivas” (p. 195, tradução nossa)<sup>19</sup>.

A criação de métricas padronizadas vai criando uma cultura de auditoria (*audit culture*) e é isso que Heather Menzies e Janice Newson (2007) observam. Elas afirmam que os

<sup>18</sup> Resource dependency theory suggests that faculty will turn to academic capitalism to maintain research resources and maximize prestige. Put another way, if faculty were offered more resources to teach more students, it is not clear they would compete for these monies with the same zeal with which they compete for external research dollars targeted for government priorities or commercial endeavor. (Slaughter; Leslie, 1997, p.153)

<sup>19</sup> “Audit technologies impose a prohibitive ‘congestion’ [...] especially by taking away, or at least compromising/limiting, the energy, zeal, tenacity – and above all the time – for free thinking associated with inventive intellectual sensibilities” (2016, p.195)

mecanismos de avaliação e monitoramento têm se multiplicado nas instituições acadêmicas, criando um clima de vigilância contínua que desvia o foco da pesquisa e ensino. “As universidades desenvolveram um extenso conjunto de ferramentas de medidas e sistemas baseados em desempenho para monitorar e supervisionar as atividades dos acadêmicos individualmente e coletivamente (Menzies, 2005, p. 85, tradução nossa)<sup>20</sup>.

Neste novo contexto, a universidade está cada vez mais preocupada com finanças, com parceiros financeiros globais, imbuída de uma cultura financeira que permeia a instituição, substituindo a todo momento a liderança acadêmica e a cultura acadêmica, minimizando as próprias fontes de autocrítica que costumavam caracterizar a universidade e enfatizando os riscos financeiros e de reputação (Peters, 2015, p. 39-40, tradução nossa)<sup>21</sup>.

Michael A. Peters segue a mesma linha argumentativa quando afirma que essas práticas reforçam uma lógica tecnocrática que, muitas vezes, desvaloriza o papel crítico e criativo das universidades.

b) Formas de financiamento: Susan Wright e Cris Shore, em *Death of the Public University?* (2017), destacam que cortes em financiamento público levam à adoção de lógicas de eficiência empresarial, criando uma cultura de competição interna que enfraquece a colaboração acadêmica. Com a redução das verbas públicas e a expansão da lógica empresarial com a dependência de fontes externas de financiamento, podem também limitar a autonomia institucional. (Menzies; Newson, 2007, p. 85).

c) Universidade neoliberal: Vostal (2016) discute como a universidade está se transformando em uma organização empresarial, moldada por práticas de gestão corporativa e lógica de mercado. “As instituições acadêmicas hoje são frequentemente administradas como empresas orientadas para o mercado e espera-se que sejam os principais motores do crescimento econômico” (p. 63, tradução nossa)<sup>22</sup>. Isso conduz a uma mudança nas prioridades institucionais das universidades e frequentemente há uma desvalorização dos princípios

<sup>20</sup> “universities developed an extensive tool-kit of performance-based measures and systems for monitoring and supervising the activities of academics individually and collectively. (Menzies, 2005, p. 85).

<sup>21</sup> In this new context the university is increasingly preoccupied with finance, with financial global partners, imbued with a finance culture that permeates the institution substituting at every turn for academic leadership and academic culture, downplaying the very sources of self-criticism that used to characterize the university and playing up the financial and reputational stakes (Peters, 2015, p.39-40).

<sup>22</sup> “Academic institutions today are often run as market-driven businesses and expected to be core drivers of economic growth” (2016, p. 63).

acadêmicos tradicionais. Uma análise compactuada por Slaughter e Leslie em que o papel do professorado se transforma em professor(a) empreendedor(a).

O papel do professorado mudou com o desenvolvimento do professor empreendedor [...]. Esses desenvolvimentos diminuíram a autonomia acadêmica e alteraram ainda mais o papel do processo democrático nas universidades, à medida que elas perseguiam o estabelecimento de um modelo corporativo (Slaughter; Leslie, 1997, p. 328)<sup>23</sup>.

E, assim, as universidades sofrem a pressão de trazer resultados aplicáveis e utilitários para atender às demandas externas, e em especial das demandas imediatistas.

d) Erosão do *ethos* acadêmico. A cultura da velocidade e da produtividade empresarial corrói o *ethos* acadêmico baseado na reflexão é a conclusão de Berg e Seeber (2016):

A corporativização gerou pressão de tempo generalizada (e estresse) [...] a literatura de aconselhamento tende a conceber erroneamente a natureza do trabalho acadêmico e as condições que ele requer. [...] A crise de tempo não é apenas uma questão pessoal. É prejudicial ao trabalho intelectual, interferindo em nossa capacidade de pensar de forma crítica e criativa (Berg; Seeber, 2016, p. 13; 17, tradução nossa)<sup>24</sup>.

Até mesmo a interdisciplinaridade, vista pelo prisma da exploração mais abrangente do que da especialização cada vez maior das disciplinas também é afetada, pois não há incentivo para a experimentação. Algo tido como vital para o progresso científico, segundo Pels (2003):

Encurtar o horizonte temporal da imaginação colectiva, curvando-se a uma sincronicidade rápida, prejudica criticamente a função social crucial da curiosidade lúdica, do afastamento "ocioso" e do pensamento "lateral" e, portanto, paradoxalmente, corre o risco de abrandar a taxa de criatividade e inovação social a longo prazo (2003, p.214-215, tradução nossa)<sup>25</sup>.

O que é afetada é a própria ideia de uma comunidade acadêmica, pois há um crescente isolamento dos pesquisadores. É o que afirma também Ronald Barnett, em *Universities in the*

<sup>23</sup> The role of the professorate shifted with the development of entrepreneurial professor [...]. These developments diminished academic autonomy and altered even further the role of democratic process in the universities as they chased after the establishment of a corporate model (Slaughter; Leslie, 1997, p. 328).

<sup>24</sup> Corporatization has engendered pervasive time pressure (and stress)[...] the advice literature tends to misconceive the nature of scholarly work and the conditions it requires. [...] The time crunch is not just a personal issue. It is detrimental to intellectual work, interfering with our ability to think critically and creatively." (Berg; Seeber, 2016, p. 13; 17).

<sup>25</sup> To foreshorten the temporal horizon of the collective imagination by bowing to a fast synchronicity critically undercuts the crucial social function of playful curiosity, 'idle' estrangement and 'lateral' thinking, and hence paradoxically risks slowing down the rate of social creativity and innovation over the longer term (2003, p.214-215)

*Flux of Time* (2014), ao observar que a lógica instrumental está substituindo a visão tradicional de universidade como uma comunidade de saber compartilhado (Barnett, 2014, p. 133) diante do cenário de competitividade.

#### **4. As múltiplas temporalidades**

Todos estes aspectos obviamente estão entrelaçados, e alguns, mais do que outros afetam os aspectos epistemológicos do fazer ciência. Geralmente o foco da bibliografia não está nos aspectos epistemológicos, mas mais naqueles direcionados às pressões ditas práticas.

Pressões por publicações, sobrecarga de trabalho, busca por financiamentos entre outros afetam o tipo de pesquisa que é produzida, assim como a hiperespecialização estreita o foco da pesquisa tanto no espectro de abrangência, como no tempo, com foco nas pesquisas de curto prazo para resultados rápidos ao invés de longo prazo, limitando as experimentações e o aprofundamento teórico.

Como afirmamos anteriormente, a bibliografia sobre o tema tenta estabelecer uma dicotomia entre o rápido e o devagar e que reafirma que o processo de aceleração social afeta de maneiras indesejadas o trabalho nas universidades. A bibliografia, na sua maioria, analisa os efeitos da aceleração como absolutamente negativos, sem ponderar situações em que há momentos de aceleração e desaceleração, por exemplo.

Os efeitos do processo de aceleração no fazer ciência não se dão apenas nos aspectos administrativos do trabalho acadêmico, mas também afetam o nível epistêmico. Isso significa dizer que as condições temporais da pesquisa científica influenciam o próprio conteúdo de nossas teorias científicas e, portanto, é possível imaginar que teríamos diferentes teorias sob diferentes condições temporais.

Vostal *et al.* (2019), a partir de exemplos de Andrew Pickering e Bruno Latour, demonstram que não existe apenas a opção de uma ciência acelerada ou uma ciência lenta, mas que a ciência seria caracterizada por camadas e níveis de temporalidades diversas e não por uma temporalidade única. Ainda assim, é possível discutir como determinados fatores moldam a investigação científica.

Ele diferencia sua abordagem da dicotomia entre rápido e devagar, propondo três diferentes modalidades temporais que levem em conta a complexidade da pesquisa científica. São elas: a) experimental; b) cognitiva; e c) institucional.

a) Experimental: é sobre a diversidade de temporalidades dos artefatos, assuntos e objetos de pesquisa e processos técnicos experimentais. Ou seja, é o tempo de experimentações como algo típico das pesquisas científicas, com a reconfigurações de caminhos e objetivos. Então, essa temporalidade pode ser determinista ou maleável, mas que pode ser acelerada ou desacelerada (Vostal *et al.*, 2019, p. 13).

b) Cognitiva: Vostal *et al.* (2019) apontam como caracterizados por diferentes regimes de intencionalidade e agilidade dos envolvidos. Segundo eles, “Ao aceitar a periodização e a percepção do tempo e do progresso dos próprios cientistas, ao prestar atenção às suas capacidades cognitivas, compreendemos melhor os movimentos e tendências das sociedades e ciências em estudo” (p. 14, tradução nossa)<sup>26</sup>.

As pesquisas mesclam momentos de rápidos desenvolvimentos e *insights* e em outros de uma construção lenta e incremental da pesquisa. Além da capacidade de lidar psicologicamente com a mistura de momentos de rápido e lento desenvolvimento diante de uma infinidade de obstáculos e interações que ocorrem no durante. Isso significa momentos de intencionalidade temporal na pesquisa.

c) Institucional: Aqui temos a categoria que aparece tantas vezes na discussão sobre o processo de aceleração afetando o processo de produção do conhecimento científico. No aspecto institucional, estão todos os elementos do processo administrativo do fazer ciência, aspectos institucionais da vida acadêmica e da comunicação científica. Como situa Vostal *et al.* (2019), as duas outras categorias estão diretamente condicionadas temporalmente por esses aspectos institucionais.

Além disso, argumentamos que as duas temporalidades anteriores são condicionadas – e cada vez mais determinadas – por inúmeras regulamentações institucionais que estão associadas aos esquemas de avaliação e financiamento da ciência, bem como aos padrões de comunicação científica (2018, p. 15, tradução nossa)<sup>27</sup>.

Cumprir prazos impostos, demandas por publicações, fontes de financiamento, atenção pública, e lidar com as demandas de pesquisa, estratégias de publicação e o jogo político

<sup>26</sup> “By accepting scientists’ own periodization and perception of time and progress, by paying attention to their cognitive capacities, we better understand movements and tendencies of societies and sciences under study.” (2019, p.14).

<sup>27</sup> Furthermore, we argue that the two previous temporalities are conditioned – and increasingly determined – by numerous institutional regulations that are associated with science evaluation and funding schemes as well as with science communication patterns (2018, p. 15).

hierárquico das universidades desafiam os profissionais. O pesquisador ainda deve considerar que cada área de conhecimento reconhece certas práticas como prioritárias e mais importantes, inclusive a frequência de publicação.

Vostal *et al.* (2019) inauguram o conceito de “*agentic synchronization*” (sincronização agêntica) para dizer que o pesquisador(a) não controla completamente, mas é capaz de distorcer, manipular certas temporalidades. O conceito explica sobre a possibilidade de o pesquisador sincronizar tipos diferentes de temporalidades. Os autores fazem um alerta contra o reducionismo de compreender a relação da temporalidade entre os aspectos isolados de rápido ou devagar e com isso propõem que, durante o processo de pesquisa, o cientista consegue manipular certos aspectos temporais (Vostal *et al.*, 2019).

Concordando com essa possibilidade de gerenciamento do tempo, Benda (2007) alega que não há nada determinante no processo de uma pesquisa científica. Caso um pesquisador tivesse um tempo limitado para seu projeto, por exemplo, presumivelmente escolheria acomodações diferentes das que escolheu, provavelmente mudando seu objetivo original em favor de outro, possivelmente nunca sendo capaz de atingir seu objetivo original completamente, mas talvez alcançando um objetivo totalmente diferente em vez disso.

Concluindo, Vostal *et al.* (2019) demonstram a complexidade do processo de pesquisa, para além dos processos entre lento e rápido, algo extremamente importante para fugir dessa dicotomia, mas ainda assim o autor não aponta os efeitos epistemológicos do processo geral de aceleração, lidando muito mais com as problemáticas temporais nas pesquisas individuais em que o pesquisador tem uma intencionalidade e ação muito mais presente.

No nível epistêmico, é provável que as condições temporais do trabalho científico tenham um impacto mais qualitativo em seus resultados, afetando não apenas a “velocidade” da produção do conhecimento científico, mas também seu próprio conteúdo ou a direção particular em que se desenvolve. Em especial, queremos nos propor agora à dimensão comunicacional e suas relações com a produção científica no nível epistemológico para além das já descritas.

## 5. Efeitos epistemológicos dos meios de comunicação na ciência

Como percebemos até aqui, boa parte das dimensões e aspectos relacionados aos problemas enfrentados pela academia diante de um processo de aceleração (produção científica; trabalho de professores/pesquisadores; social; institucional) são analisadas por vieses ora sociológicos ora psicológicos ou até mesmo de saúde como o caso da saúde mental. Nos compete então questionar de que maneira aspectos comunicacionais como vertentes de um processo mais geral de aceleração social também estão interagindo com a academia, abrindo uma chave de leitura propriamente comunicacional a um problema epistemológico do fazer ciência. Longe de querer encerrar o assunto, queremos, na verdade, apontar caminhos para a pesquisa em Comunicação e como podemos contribuir para a discussão sobre os efeitos da aceleração social na/da academia a partir do prisma comunicacional.

Diferentes formas materiais produzem temporalidades diferentes a partir das quais se faz ciência. Dessa maneira, podemos compreender que as tecnologias da comunicação também afetam o próprio fazer ciência em um nível epistemológico.

A invasão da lógica da economia e da política ganha o apoio de inúmeras tecnologias da comunicação que pressionam pela aceleração na ciência. Levy (2007) expõe que haveria uma oposição entre a falta de tempo necessária para pensar e o modelo de pesquisa científica desenvolvida com a ação dos meios de comunicação de massa.

As tecnologias da comunicação teriam colaborado com a intensificação do processo de trabalho e da rápida necessidade de tomadas de decisões. Vários pensadores imaginavam que o desenvolvimento das tecnologias na própria prática automatizaria as atividades rotineiras e liberaria o tempo para que os pesquisadores pudessem dedicar o seu tempo nos aspectos criativos do seu trabalho.

Como aponta Levy (2007, p. 247, tradução nossa), “Embora eu não conheça estudos que demonstrem conclusivamente o declínio do tempo para pensar, há razões claras pelas quais os acadêmicos provavelmente estariam mais ocupados e sobrecarregados agora do que nunca.”<sup>28</sup> Temos uma percepção do dia a dia, mas ainda existem poucos estudos que focam nos efeitos da aceleração no pensar acadêmico.

Para Levy (2007), o paradoxo está justamente no fato de que, ao mesmo tempo em que estamos sem tempo para pensar, estamos munidos de tecnologias que permitem novas potencialidades para a produção científica. Apesar das pressões administrativas e de

<sup>28</sup> “Although I know of no studies that conclusively demonstrate the decline in time to think, there are clear reasons why academics would likely be busier and more overloaded now than ever before.” (Levy, 2007, p. 247).

publicações, uma série de tecnologias passaram a ser adotadas com o objetivo de colaborar com a produção científica. Segundo o argumento do senso comum, parece que estamos perdendo a possibilidade de olhar e pensar, sendo necessário desenvolver tecnologias para superar os obstáculos da sobrecarga de informação.

Tecnologias como a máquina de escrever, caixa arquivo morto, memorando e armário de arquivo, entre outras (Levy, 2007, p. 244) permitiram outras maneiras de realizar pesquisas científicas. O email, por exemplo, aumentou a possibilidade de entrar em contato com pesquisadores ao redor do mundo, mas, ao mesmo tempo, eles “também aumentaram as expectativas dos alunos de que os instrutores devem estar disponíveis para consulta em todas as horas do dia e da noite, incluindo fins de semana” (Levy, 2007, p. 247, tradução nossa)<sup>29</sup>. Da mesma maneira, a escolha do fazer ciência pelo método da escrita alfabética, por exemplo, implica uma escolha temporal que depende dos propósitos estratégicos do pesquisador(a).

Conforme descreve Pels (2003), as atividades cruciais para a produção científica são a leitura e a escrita. O ritmo de leitura seria lento, o ato de reunir, compilar, reler e dar sentido a inúmeros textos requer um tipo de esforço intelectual que já seria, segundo Pels (2003), uma técnica de desaceleração em si. O processo de publicação através de revisões e pareceres pelos pares também se destaca por um processo lento e de atenção e cuidado.

A descrição de Pels (2003) se aproxima assim da tradição da Escola de Toronto de Comunicação (Martino, 2008) que se dedica justamente às diferenças do uso de diferentes meios de comunicação. Ele aponta, por exemplo, o afastamento do tempo presente justamente pela capacidade de podermos ler materiais de pessoas que já não precisam estar no mesmo espaço-tempo para que possamos ter acesso ao conhecimento.

Ler e escrever eliminam a redundância típica do pensamento e da fala oral; eles forçam a mente a um padrão mais lento que lhe permite reorganizar-se continuamente e adicionar precisão e, neste sentido, proporciona hábitos de pensamento e comunicação mais reflexivos e analíticos (Pels, 2003, p. 213-214, tradução nossa)<sup>30</sup>.

O afastamento intrínseco da escrita permite justamente o exame cuidadoso daquilo que foi escrito, algo já desenvolvido por toda uma tradição de pensamento que teve importante

<sup>29</sup> “have also increased student expectations that instructors should and will be available for consultation at all hours of the day and night, weekends included.” (Levy, 2007, p. 247).

<sup>30</sup> Reading and writing eliminate the typical redundancy of oral thought and speech; they force the mind into a slowed-down pattern that enables it to continually reorganize itself and add precision, and in this sense affords more reflective and analytic habits of thinking and communication. (Pels, 2003, p. 213-214)

contribuição de autores como Marshall McLuhan (1969), Walter Ong (1998), Eric Havelock (1994, 1996), Jack Goody (2020) entre outros.

Gane (2006, p. 31) indica que a forma tecnológica é uma escolha política, pois, segundo ele, diferentes tecnologias de escrita implicam diferentes temporalidades. “Mas diferentes tecnologias de escrita também operam em velocidades diferentes e dão origem a diferentes formas de intervenção teórica que, por sua vez, podem servir a uma série de propósitos críticos” (2006, p. 31, tradução nossa)<sup>31</sup>.

A compreensão dos meios que são utilizados no fazer e pensar científico, com suas potencialidades e restrições, é extremamente importante para a articulação com as diferentes temporalidades dos meios e da pesquisa. Tal ação permite uma postura crítica para uma análise mais aprofundada que escape à posição apocalíptica entre acelerar e desacelerar, mas também que considere quais são as consequências desses processos e quais destes seriam desejáveis ou aqueles que devemos reverter diante dos seus agravos. Em termos individuais, isso possibilita ajustar as tecnologias de comunicação conforme as questões específicas do projeto de pesquisa em questão.

Um foco nos meios de comunicação para compreender o impacto da aceleração social na/da academia traz uma importante contribuição diante de um cenário em que a bibliografia especializada geralmente possui um foco na Sociologia ou na Psicologia. É importante questionar como os aspectos comunicacionais também afetam a produção científica, é neste quesito que a bibliografia é ainda mais escassa e que se podem abrir novos questionamentos ao situar a Comunicação como um importante contribuidor da pesquisa sobre a aceleração social e suas relações com o fazer ciência na/da academia.

## 6. Considerações finais

Para lidar com esse processo de aceleração, Pels (2003) indica que é necessário compreender a aceleração como um importante fenômeno político que deve ser estudado, “nutrir uma cronopolítica” capaz de apontar resistências e forças que sejam capazes de frear ou diminuir o ritmo de aceleração. A ciência aparece como um braço de resistência ao processo

<sup>31</sup> “But different technologies of writing also operate at different speeds, and give rise to different forms of theoretical intervention that, in turn, can serve a range of critical purposes” (Gane, 2006, p. 31).

de aceleração e que está sendo invadido pela lógica econômica e política, algo que não parece desejável pela comunidade científica.

Seria importante nos perguntar se essa direção do desenvolvimento científico seria melhor do que a atual? Ou, mais particularmente, se não ocorressem as recentes mudanças temporais na academia, associadas aos fenômenos do capitalismo acadêmico, do novo gerencialismo etc., será que o conhecimento científico se desenvolveria de forma mais “desejável”? (Benda, 2007, p. 18).

Parafraseando Wajcman, melhor do que soar o alerta dizendo que estamos vivendo um tempo muito rápido e acelerado e que é preciso achar o tempo “lento” para fazer uma contraposição, deveríamos nos perguntar o que é a velocidade e por qual razão consideramos que mais rápido é melhor. E mais ainda tendo relação ao nosso texto, como a relação com meios de comunicação afeta o fazer e o pensar ciência.

## Referências

- BENDA, L.. Inevitability, contingency, and the epistemic significance of time. **Time & Society**, v. 30, n. 1, p. 30–54, 2021.
- BERG, Maggie; SEEBER, Barbara K. **The Slow Professor: Challenging the Culture of Speed in the Academy**. 1. ed. [s.l.]: University of Toronto Press, 2016.
- CAMPOS, T.; VÉRAS, R.; ARAÚJO, T.. Trabalho docente em universidades públicas brasileiras e adoecimento mental: uma revisão bibliográfica. **Revista Docência do Ensino Superior**, v. 10, p. 1–19, 2020.
- CARLSON, R.; BAILEY, J.. **No ritmo da vida Reduzindo a velocidade frenética**. Col. Arco do tempo. Rocco. 2002.
- CLARK, B. R.. **Creating entrepreneurial universities**: Organizational pathways of transformation. Oxford: Pergamon. 1998.
- CRARY, J.. **24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: Ubu Editora, 2016
- ETZKOWITZ, H.. The entrepreneurial university in an era of knowledge-based growth. In M. Gibbons, P. Gummelt, & M. Schwarz (Eds.), **The new production of knowledge**: The dynamics of science and research in contemporary societies (pp. 83–97). London: Sage. 2003.
- GANE, Nicholas. Speed up or slow down? Social theory in the information age. **Information, Communication & Society**, v. 9, n. 1, p. 20–38, 2006.
- GILL, R.. **Breaking the silence**: The hidden injuries of neo-liberal academia. **Feministische Studien**, v. 34, n. 1, p. 39–55, 2016.
- GOODY, J.. **A Lógica da escrita e a organização da sociedade**. Publicação: Editora Vozes, 2020.
- HAIDT, J.; AZEVEDO, L.; FORESTI, E.; et al. **A geração ansiosa: Como a infância hiperconectada está causando uma epidemia de transtornos mentais**. 1<sup>a</sup> edição. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2024.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. 1<sup>a</sup> edição. São Paulo: Editora Vozes, 2015.
- HARI, J.. **Foco roubado: Os ladrões de atenção da vida moderna**. 1<sup>a</sup> edição. São Paulo, SP: Vestígio, 2023.
- HARTMAN, Y.; DARAB, S.. A Call for Slow Scholarship: A Case Study on the Intensification of Academic Life and Its Implications for Pedagogy. **Review of Education, Pedagogy, and Cultural Studies**, v. 34, n. 1–2, p. 49–60, 2012.
- HAVELOCK, E.. **A revolução da escrita na Grécia e suas consequências culturais**. Tradução de Ordep José Serra. São Paulo: Editora UNESP, 1994. 370 p.
- HAVELOCK, E.. **Prefácio a Platão**. Tradução de Enid Abreu Dobránsky. Campinas: Papirus, 1996. 339 p.

- LEVY, David M. No time to think: Reflections on information technology and contemplative scholarship. **Ethics and Information Technology**, v. 9, n. 4, p. 237–249, 2007.
- MARTINO, Luiz C. Pensamento comunicacional canadense: as contribuições de Innis e McLuhan. **Comunicação Mídia e Consumo**, v. 5, n. 14, p. 123–148, 2008.
- MC LUHAN, M.. **Os meios de Comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1969.
- MENZIES, H.; NEWSON, J.. No Time to Think: Academics' life in the globally wired university. **Time & Society**, v. 16, n. 1, p. 83–98, 2007.
- MÜLLER, R.. **A Culture of Speed**: Anticipation, Acceleration and Individualization in Academic Science. Disponível em: <https://blogs.lse.ac.uk/impactofsocialsciences/2016/05/11/a-culture-of-speed-anticipation-acceleration-and-individualization-in-academic-science/> Acesso em 20 de jan de 2025. 2014.
- ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra**. tradução Enio Abreu Dobránsky. Campinas, SP : Papirus, 1998
- PELS, D.. **Unhastening Science**: Autonomy and Reflexivity in the Social Theory of Knowledge. 2003.
- PETERS, M. A.. The university in the epoch of digital reason: Fast knowledge in the circuits of cybernetic capitalism. **Analysis and Metaphysics**. v. 14, p. 38–58, 2015.
- PRAZERES, M.. Comunicar devagar: Como o ensino, a pesquisa e a prática de Jornalismo podem se inspirar no movimento slow para desacelerar. **Revista eletrônica do Programa de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero**. ANO XX - No 40. JUL. / DEZ. p.127-131. 2017.
- ROSA, H.. **Aceleração**: a transformação das estruturas temporais na modernidade. São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- SLAUGHTER, S.; LESLIE, L.. **Academic Capitalism: Politics, Policies and the Entrepreneurial University**. Johns Hopkins University Press, 1997.
- VOSTAL, F.. Academic life in the fast lane: the experience of time and speed in British Academia. **Time & Society** 24(1): 71–95. 2014.
- VOSTAL, F.. **Accelerating Academia**: The Changing Structure of Academic Time. Palgrave Macmillan, 2016.
- VOSTAL, F.. Speed kills, speed thrills: constraining and enabling accelerations in academic work-life. **Globalization, Societies and Education** 13(3): 295–314. 2015.
- VOSTAL, F.; BENDA, L.; VIRTOVÁ, T.. Against reductionism: On the complexity of scientific temporality. **Time & Society**, v. 28, n. 2, p. 783–803, p.-1-21, 2019.
- WAJCMAN, J.. Life in the fast lane? Towards a sociology of technology and time. **The British Journal of Sociology**, v. 59, n. 1, p. 59–77, 2008.
- WAJCMAN, J.. **Pressed for Time**: The Acceleration of Life in Digital Capitalism. Reprint edição. [s.l.]: University of Chicago Press, 2014.
- WRIGHT, S.; SHORE, C.. **Death of the Public University?** Uncertain Futures for Higher Education in the Knowledge Economy. Berghahn Books, 2017.